

O Atletismo brasileiro na perspectiva de gestores experientes

Caregnato, A.F.; Hercules, E.D., Luz, J.M.; Cavichioli, F. R.

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil

Resumo

O presente estudo busca analisar a perspectiva dos gestores atuais do Atletismo brasileiro sobre as ações, os processos facilitadores e barreiras para o desenvolvimento deste esporte. Para tanto, recorreremos às entrevistas semi-estruturadas a agentes gestores de diferentes entidades do Atletismo. Os gestores reconhecem que o Brasil precisa definir o caminho do atleta no Atletismo e possibilitar condições adequadas em todas as etapas da carreira esportiva. O incentivo financeiro ao esportista, é um fator que precisa de cautela para que não desoriente o treinamento de alguns competidores.

Abstract

This study aims to analyze the current Brazilian athletes managers perspective on the actions, facilitators and barriers to the development of this sport. For this, we used the semi-structured interviews with managing agents of different athletics entities. The managers recognize that Brazil needs to define the path of the athlete in athletics and to enable adequate conditions in all the stages of the sports career. The financial incentive to the sportsman, is a factor that needs to be careful so as not to disorient the training of some competitors.

Keywords: Track and Field. Management. Athletes.

Introdução

Nos Jogos do Rio, o atleta Thiago Braz da Silva colocou novamente o Atletismo brasileiro no lugar mais alto do pódio. Segundo a CBAAt, a modalidade superou metas nos Jogos do Rio. Porém, o desempenho pode ser questionado: dos 67 atletas participantes do Atletismo nos Jogos do Rio, 21 (31.34%) ficaram entre os 16 melhores e somente 12 (17.91%) ficaram entre os oito melhores nas suas provas. A maioria dos atletas brasileiros não passaram da primeira fase, sendo que das 47 provas (masculino e feminino) disputadas, o Brasil esteve entre os oito melhores em 6 (12.77%) delas (salto com vara masculino, 20 km marcha atlética masculino, 20 km marcha atlética feminino, arremesso do peso, revezamentos 4x100 e 4x400 masculino). Somente 9 atletas (13.43%) fizeram suas melhores marcas da temporada nos Jogos do Rio (CBAAt, 2016). Para que resultados sejam efetivados, uma série de fatores precisam ser levados em conta (Rees *et al.*, 2016; Houlihan e Green 2005). O presente estudo tem como problema o entendimento dos gestores do Atletismo competitivo organizado no Brasil e seu desenvolvimento. Este estudo tem por objetivo analisar a perspectiva dos gestores do Atletismo brasileiro sobre as ações, os facilitadores e barreiras para o desenvolvimento deste esporte.

Método

Foi utilizado para a coleta de dados a técnica de entrevista semi-estruturada e a amostra foi composta por 5 gestores brasileiros do Atletismo, que representavam em 2016 diferentes entidades da modalidade no Brasil (aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa institucional (CAAE: 47607114.8.0000.0102). O Gestor 1 (G1) representa uma equipe de Atletismo municipal, com jovens entre 12 e 19 anos. O Gestor 2 (G2) representa uma equipe que atua no alto rendimento. O Gestor 3 (G3), é um presidente de federação estadual de Atletismo. Os gestores 1 e 2 deveriam representar equipes que estivessem entre as três melhores do Brasil no ano de 2015 em suas categorias de atuação. Por fim, os últimos dois entrevistados (G4 e G5) compõem a diretoria da CBAAt. A média de idade dos gestores investigados é de 47,1 anos (mín. 29/máx. 57); experiência de prática de atletismo é de 25,6 anos (mín. 7/máx. 42); experiência na atual função de 7,8 anos (mín. 3/máx. 20).

Os dados coletados foram organizados com base no método Análise do Conteúdo. Esse estudo apresenta a frequência de aparição (*f*) dos códigos das categorias e subcategorias (Quadro 1). O seguinte roteiro foi contemplado nas entrevistas: 1) caracterização do participante (idade, formação acadêmica e atuação profissional); 2) experiências da profissão (dificuldades, facilitadores na formação e no esporte de alto rendimento); 3) ações de desenvolvimento (iniciativas, programas esportivos).

Quadro 1. Categorias e subcategorias oriundas do discurso dos gestores.

Categorias	Subcategorias
Atletas (<i>f</i> =39.69%)	formação (<i>f</i> =38%), continuidade (<i>f</i> =36%), ações (<i>f</i> =26%)
Incentivo financeiro (<i>f</i> =25.48%)	possibilidades (<i>f</i> =52%), rendimento esportivo (<i>f</i> =48%)
Técnicos (<i>f</i> =34.83%)	técnico, CBAAt (<i>f</i> =41%), apoio técnico (<i>f</i> =34%), capacidade (<i>f</i> =25%)

Resultados e Discussão

A respeito da categoria “Atletas”, o principal desafio da gestão atual da CBAAt, mencionado por G5, “[...] é focar na formação de atletas (*f*=38%)”. Ainda, para G4, a CBAAt “[...] está entrando numa esfera que não é dela, mas precisaremos saber onde estão localizados os jovens talentos”. Segundo G1, a maioria dos atletas que compõem a equipe de Atletismo do seu município são oriundos de escolas: “[...] os professores fornecem os dados dos alunos que se interessam em treinar Atletismo à prefeitura, que faz o papel de encaminhá-los à equipe”. Segundo G1, “[...] o atleta pode ficar no projeto municipal de Atletismo até os 19 anos, então a maior dificuldade enfrentada é a possibilidade de continuidade

($f=36\%$) neste esporte”. Similarmente, para G4, o ideal é “[...] pensar numa equipe de Atletismo como, o início, um meio e um fim. O fim, atualmente é o principal desafio, pois a maioria das equipes de base exportam atletas”. Parte dos gestores investigados, relataram algumas ações ($f=26\%$) que a CBAAt está envolvida e relacionadas com a formação do atleta. O Mini Atletismo “[...] é uma ação pedagógica que está sendo divulgada para facilitar o crescimento do Atletismo no país” (G4). O G5, adiciona que “[...] se o Brasil quiser daqui uns 8 anos ter atletas competitivos em todas as provas do Atletismo, deve fazer com que a criança goste deste esporte”. O programa Atleta na Escola, aplicado inicialmente no Atletismo, teve em 2014 aproximadamente 2,3 milhões de estudantes (CBAAt, 2015). O gestor G4 questiona: “[...] quantos destes participantes permanecem no Atletismo em formato de treinamento?”. Conforme G5, a “[...] CBAAt não consegue identificar os atletas destaques nesse programa e direciona-los para os locais de treino”.

Sobre a categoria “Incentivo financeiro”, de acordo com o gestor G4, atualmente o atleta de Atletismo de diferentes categorias que está entre os melhores à nível nacional, ou internacional “[...] possui várias possibilidades de incentivo ($f=52\%$)” e para o gestor G5 o incentivo financeiro muitas vezes pode interferir no rendimento esportivo ($f=48\%$) do atleta. Segundo G5, “[...] o atleta pode receber uma ajuda financeira municipal, estadual e estar enquadrado no Bolsa Atleta do governo federal”. O gestor G2 acrescenta que “[...] a CBAAt também possui o Programa Nacional de Apoio a Atletas de Alto Nível, sendo que em alguns casos prioriza os atletas que não recebem ajuda do estado”. No entanto, para G5, “[...] se o incentivo serve para alguns atletas atingirem o ápice de treinamento num período distante dos Jogos Olímpicos e depois disso eu percebo que eles não apresentam resultados expressivos, devo questionar esse processo. O gestor G2, adiciona que: “[...] por uma questão financeira, mais da metade dos atletas da equipe adulta treinam em outras cidades, isso é comum no Brasil, mas é um fator que interfere na performance do atleta”.

O apoio ($f=34\%$), ao trabalho do “Técnico” de Atletismo do país foi um fator de destaque nos depoimentos. O gestor G5, mencionou o “[...] trabalho que a confederação faz de cobrar dos técnicos, de centralizar os treinos dos atletas com chances de medalhas em competições importantes”. Já G2 ressaltou que o objetivo disso é “[...] para que os atletas cheguem nas principais competições e consigam suas melhores marcas”. Sobre a relação entre CBAAt e técnicos ($f=41\%$), G4 esclarece que “[...] a tentativa de aproximação com os técnicos é constante, mas isso não tem sido fácil, ainda é pouco efetivo, tem técnico que não ser questionado sobre o seu treino”. Sobre essa questão, G3, adiciona: “[...] tem técnico que possui atleta olímpico, mas seus treinos estão numa folha de papel, então, como cobrar uma situação que ele nunca prestou para ninguém”. O gestor G2, reforça que “[...] ainda prevalece o que acontece nos clubes, mas eles não pensam em longo prazo, num ciclo olímpico”. Além disso, o gestor G1 resalta que boa parte dos técnicos “[...] não têm paciência, querem participar de toda a competição que aparece para fazer resultados”. Por outro lado, G3 relata que existem técnicos brasileiros de Atletismo capacitados ($f=25\%$) “[...] reconhecidos mundialmente, que atuam em paralelo com a ciência”. O gestor G4, acrescenta: “[...] estamos melhorando nosso

ranking de técnicos (formação acadêmica, capacitação, resultados esportivos), pois a partir dele alguns são convidados para os treinamentos nacionais, internacionais”. Também, segundo G5, a CBAAt está criando “[...] uma método para futuro treinadores, cursos pela internet para facilitar a vida das prefeituras, universidades”. Segundo G3, os técnicos que estão filiados à sua federação “[...] são suficientes para o desenvolvimento do Atletismo no estado”. O entrevistado citou a parceria de sucesso realizada com um técnico cubano: “[...] esse técnico chegou para atuar no estado com ajuda da CBAAt e, hoje, evoluímos nas provas de barreiras”. Outra questão, é o fato que a maioria dos técnicos brasileiros são “[...] multitarefas, são psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas do atleta [...]” (G4).

Conclusões

A gestão é nova, mas as dificuldades para se desenvolver o Atletismo nacional, continuam as mesmas. A equipe municipal oferece condições para o atleta se desenvolver no Atletismo nas fases de iniciação, formação e especialização esportiva, no entanto, não mantém o atleta na fase de alto rendimento. Todos os gestores reconhecem que o Brasil necessita encontrar onde estão os jovens atletas com potencial esportivo e definir o caminho dos mesmos no Atletismo. Os gestores precisam melhorar a comunicação com os técnicos, para o atleta obter a melhor performance nas principais competições. O discurso de que, somente o financeiro não é responsável por resultados, foi uma constante para os entrevistados, sendo esse, um fator que precisa de cautela para que não desoriente o treinamento de alguns atletas.

Referências

- Confederação Brasileira de Atletismo. (2015). “Atleta na escola” leva esporte a mais de 4 milhões de alunos. São Paulo, Brasil.
- Confederação Brasileira de Atletismo. (2016). Atletismo do Brasil supera metas nos Jogos do Rio 2016. São Paulo, Brasil.
- Houlihan, B., & Green, M. (2005). *Elite sport development: Policy learning and political priorities*. London: Psychology Press.
- Rees, T., Hardy, L., Gullich, A., Abernethy, B., Cotê, J., Woodman, T., Montgomery, H., Laing, S. & Warr C. (2016). The Great British Medalists Project: A Review of Current Knowledge on the Development of the World’s Best Sporting Talent. *Sports Med*, 46, 1041–1058.

Nota dos autores

Fernando R. Cavichioli é professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

André F. Caregnato e Emília D. Hercules são doutorandos do PPGEDF da Universidade Federal do Paraná.

Julio M. da Luz é aluno do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Contato

André F. Caregnato

E-mail: andre.caregnato@hotmail.com